



APRESENTAÇÃO

Professor(a) de EJA!

Você conhece bem o grande o desafio que é trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, modalidade de educação onde a diversidade se faz presente de várias formas: nas faixas etárias, em tempos de aprendizagem, conhecimentos e culturas.

Já parou alguma vez para refletir o que pensam os seus alunos e alunas sobre esta modalidade de ensino? Que significado podem ter as atitudes de abandono da escola, o sucessivo retorno ou a dificuldade de permanência no ambiente escolar? Para entender a realidade da EJA e intervir de maneira mais adequada faz-se necessário ouvir o que alunos e alunas têm a dizer sobre seus sentimentos e expectativas em relação ao espaço escolar.

Entender os anseios e pontos de vista desses jovens e adultos com relação à escola pode ser a chave para que a EJA passe a valorizar verdadeiramente interesses, conhecimentos e expectativas que cada um deles traz em sua bagagem histórica. Conhecendo as expectativas, a escola pode ter atitudes que favoreçam a sua participação efetiva, respeitando seus direitos em práticas e não somente em conteúdos curriculares. Verificando o grau de pertencimento que o aluno de EJA demonstra do ambiente escolar, a escola demonstra interesse por esses alunos como cidadãos e não os vendo apenas objetos de aprendizagem.

Com a finalidade de conhecer melhor o universo da EJA, saí a campo para confirmar minhas hipóteses a respeito de que pensam os jovens e adultos que optam por esta modalidade de ensino. Através de questionários e conversas informais coletei dados junto aos professores(as) e alunos(as) do Ensino Fundamental Fase II e Ensino

Médio do CEEBJA “Professor Ignácio Alves de Souza Filho” no município de Jaguariaíva, meu local de trabalho desde o ano de 2003.

O referido CEEBJA teve a sua autorização de funcionamento deferida através da Resolução 5.126 de 28/11/1986, começando suas atividades no ano seguinte. Ao longo de sua existência, mudou de local de funcionamento por diversas vezes, até fixar-se em sede própria. Também passou por várias denominações (NAES, CES, CEAD e CEEBJA) e ofertas de ensino (supletivo, educação aberta à distância, modalidade semi-presencial e presencial).

Atualmente, na sua sede e nas APEDs (Ações Pedagógicas Descentralizadas) do interior do município e nos municípios vizinhos de Arapoti, Sengés e São José da Boa Vista oferta a modalidade EJA de Ensino Fundamental Fase II(EFII) e Ensino Médio(EM), na forma presencial.

As aulas na sede ocorrem no período vespertino e noturno, sendo as matrículas por disciplinas e a oferta organizada na forma coletiva ou individual, ficando a critério do aluno a escolha da forma que melhor se adapte às suas condições e necessidades, podendo também mesclar essas duas formas, ou seja, cursar algumas disciplinas organizadas na forma individual e outras, coletivamente.

Como uma das características desta modalidade de ensino é a matrícula por disciplina, que pode ocorrer a qualquer momento do ano letivo fica difícil precisar o número de alunos matriculados na escola, visto que cada aluno pode matricular-se em até quatro disciplinas simultaneamente. Outro fator é a rotatividade de matrículas, de alunos que se evadem e retornam sucessivas vezes durante seu trajeto escolar.

Os questionários para a coleta de dados foram destinados a professores(as) e alunos(as) da sede, da organização individual de estudos. Assim, apliquei-os a todos que se achavam presentes em um determinado dia e horário (14 h e 19 h).

Dos questionários aplicados a alunos(as) descartei uma grande parte, tomando-se por amostragem um total de 30. Procurei manter os que apresentavam maior

número de campos preenchidos. Posteriormente identifiquei-os como questionário A – 1, A - 2 e assim sucessivamente até A – 30.

Da mesma forma procedi com os questionários aplicados aos professores(as), descartando os que apresentavam campos em branco. Selecionei um total de 10, que identifiquei-os como questionários P - 1, P - 2 e assim sucessivamente até P - 10.

O grande número de questionários descartados deve-se ao fato de muitos alunos(as) e também alguns professores(as) apresentaram dificuldades para o seu preenchimento. O questionário contou com uma tabela, tipo escalas de Likert, onde informavam o grau de concordância com a afirmação, assinalando uma entre as opções: “concordo totalmente”, “concordo em parte”, “discordo em parte” e “discordo totalmente”. Nos dois modelos de questionários haviam afirmações positivas e negativas acerca de auto-estima e auto-imagem, relação professor-aluno e importância da escola e do estudo. Os questionários também apresentavam respostas de múltipla escolha e perguntas abertas com respostas pessoais.

Com as pistas apontadas pelos sujeitos pesquisados elaborei este Caderno Pedagógico, que foi idealizado a partir da minha experiência profissional ao longo de mais de vinte anos como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, alfabetizadora de jovens e adultos e atualmente, professora pedagoga do referido CEEBJA. É resultado também de leituras relacionadas ao universo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de cursos e estudos de formação continuada realizados como parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2008, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

Sua finalidade é socializar com os demais educadores(as) da EJA subsídios para a reflexão da prática pedagógica, abordando temas vivenciados no cotidiano escolar. Também são oferecidas questões para reflexões na proposição de procedimentos didáticos com possíveis encaminhamentos que nortearão o trabalho dos(as) professores(as) desta modalidade de ensino, com o intuito de que os objetivos

educacionais sejam alcançados de forma satisfatória, traduzindo-se em melhoria na qualidade da aprendizagem dos(as) envolvidos (as).

Para melhor disposição didática, procurei organizar este Caderno em duas partes distintas:

Na PARTE 1 apresento os principais fatores apontados pelos alunos e alunas da EJA que influenciam o retorno e/ou abandono escolar: o trabalho, a família e as relações professor/aluno. Abordo também o perfil dos alunos(as) de EJA, como se vêem e são vistos pelos professores(as) desta modalidade de ensino.

Na PARTE 2 apresento reflexões sobre os temas auto-estima e afetividade, cuja discussão se faz necessária na escola devido à importância dos mesmos apontada pelos sujeitos pesquisados . Temas estes, que muitas vezes, são relegados a segundo plano no ambiente escolar devido a preocupação com os conteúdos escolares.

Assim, espero deixar minha parcela de contribuição aos colegas educadores que buscam a melhoria da qualidade de ensino, incentivando-os a reflexão para a busca de novas alternativas e soluções para os desafios cotidianos da EJA.

Luzia Bernardete Medeiros

Professora PDE - 2008





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6

PARTE 1 8

1 OS SUJEITOS DA EJA E SUAS MARCAS 9

1.1 Perfil dos alunos 9

1.2 A EJA e o trabalho 13

1.3 A EJA e a família 17

1.4 A EJA e a relação professor/aluno 23

2 OS DOCENTES DE EJA 25

PARTE 2 30

1 AUTO-ESTIMA 31

2 AFETIVIDADE 34

3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 38



INTRODUÇÃO

Para exercer sua cidadania, todo cidadão tem deveres e direitos. A educação básica é um destes direitos, assegurado por lei a todo cidadão: criança, jovem ou adulto de qualquer idade.

Para jovens e adultos, a falta de leitura e escrita dificulta a qualidade de vida, pois o não acesso ao meio de obtê-las representa uma divisão significativa na vida destas pessoas. No mundo do trabalho, cada vez mais é necessário mostrar conhecimentos e habilidades específicas e quem não os tem, tende a ser marginalizado.

Para reparar a grande dívida social com os brasileiros que não tiveram acesso à escola nem ao domínio da leitura e escrita como bens sociais, ou os que, por motivos diversos, não deram continuidade aos seus estudos, foi criado inicialmente o ensino supletivo, como uma modalidade temporária para a suplência de analfabetos e a comprovação de escolarização para o trabalho.

A educação de jovens e adultos, entre avanços e retrocessos na sua trajetória, passou de solução temporária à educação permanente. Pela Constituição Federal de 1988, a EJA no Brasil passou a ser reconhecida como modalidade específica da educação básica nas etapas de ensino fundamental e médio, destinada a todos que não tiveram acesso a escolarização em idade própria.

A EJA, é portanto, uma conquista muito recente como política de acesso e continuidade à escolarização básica, onde a idéia de uma educação compensatória foi substituída pela idéia de reparação ao direito antes negado à uma escola de qualidade e equidade de oportunidades com o reingresso no sistema educacional.

Um sentimento freqüentemente associado ao universo da EJA é a baixa auto-estima dos alunos, resultante das situações de fracasso vivenciadas, como exclusão social e repetência escolar. Mas, estes fatores seriam uma constante nas escolas de EJA ou apenas um mito? Afinal, quem são os alunos de EJA? O que pensam? Por que procuram a escola? Quais os saberes informais que trazem em sua bagagem histórica? Que fatores dificultam a permanência na escola? Como são vistos pelos professores e professoras? Perguntas estas, que procurarei responder ao longo deste Caderno, com base nas pistas deixadas pelos alunos de EJA ouvidos .



PARTE 1

●●1 OS SUJEITOS DA EJA E SUAS MARCAS

●●●●●●●● 1.1 Perfil dos alunos

Ao trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos você deve ter percebido a diversidade de sujeitos, únicos e diferentes ao mesmo tempo e quase todos, de certa forma, vítimas de exclusão social. Em geral, a EJA trabalha com sujeitos marginais ao sistema: negros, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, pescadores, mulheres, jovens em conflito com a lei, idosos, assentados, apenados, desempregados, trabalhadores informais, entre outros representantes de parte da sociedade brasileira desfavorecida econômica, social e culturalmente, que buscam na EJA uma reparação corretiva, ainda que tardia, na vida escolar.

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Paraná (DCEs) para se estabelecer o perfil dos sujeitos da EJA é preciso levar em conta essa pluralidade de sujeitos, com suas histórias e experiências de vida, de culturas e costumes diversos que precisam ser valorizados e contemplados em ações pedagógicas específicas. Embora tão diversos, os alunos de EJA apresentam alguns pontos em comum: são jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso a escola em idade própria ou não tiveram a oportunidade de continuar seus estudos devidos a fatores, como: inadaptação às práticas escolares, história de fracasso escolar, evasão e repetência, necessidade de trabalhar, baixa auto-estima por ausência de estímulos para a superação das dificuldades, distância grande da escola, entre outros fatores alheios ou não a sua vontade.

Os jovens e adultos que procuram a EJA embora tenham uma bagagem de conhecimentos adquiridos de forma informal, fundados em suas crenças e valores já constituídos, têm necessidade da educação formal para satisfação de necessidades pessoais ou referentes ao mundo do trabalho.

Uma parcela significativa de alunos de EJA é composta por adolescentes (segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, adolescente são as pessoas maiores de 12 anos completos até 18 anos incompletos), pois são remanescentes de matrículas feitas de acordo com a Deliberação nº 008/00 do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE), que estabelecia idade mínima de 14 anos para ingresso no Ensino Fundamental da EJA e 17 anos para o Ensino Médio. Além de caracterizar um movimento de “juvenilização” da EJA, revela acidentadas trajetórias na educação regular que acabaram os afastando da escolarização em idade apropriada. Esses adolescentes, os conhecidos “alunos-problemas” do ensino regular, buscam a “correção de fluxo” devido a histórias de fracasso, evasão escolar, sucessivas reprovações e incompatibilidade às práticas educativas. Muitas vezes, também sentem-se deslocados neste ambiente escolar, onde não encontram ações pedagógicas que levem em conta sua história de vida. Em conversa informal com adolescente do CEEBJA, ele revelou-me sentir-se desajustado também na EJA por achar-se “velho demais para a escola regular e jovem demais para estudar com os adultos”, sendo sua idade uma dificuldade para continuar estudando.

[Dificuldade para continuar estudando] “A minha idade por estar no meio de pessoas adultas, porque no regular são pessoas jovens, amigos”. (Aluno do EFII– 17 anos)

Esse quadro, em breve, tende a diminuir. Atualmente, o Parecer 174/2008 do CEE, publicado em Diário Oficial do Estado em 10/03/2008 estabelece a idade mínima

para matrícula para as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na EJA de 18 anos completos.

Além da característica etária, outra marca da EJA refere-se às necessidades especiais do público a que ela se destina.

Há na EJA a inclusão pedagógica de alunos com necessidades educativas especiais. A legislação assegura a oferta de atendimento educacional especializado aos educandos que apresentam necessidades educativas especiais decorrentes dos vários tipos de deficiência, condutas típicas ou altas habilidades. Para estes alunos deve-se priorizar ações educativas específicas, levando-se em conta a situação individual de cada um, com adequação curricular que permita o acesso, a permanência e o progresso escolar dos mesmos.

Pela observação dos alunos(a) e na prática do dia-a-dia escolar, ao regressarem ao ambiente escolar, os alunos e alunas da EJA mostram-se capazes de aprender (cada um a seu ritmo e tempo), interessados e participativos nas aulas e que aprendem conteúdos significativos segundo sua vivência e interesses, pois são dotados de conhecimento de mundo, visto que a escola não é o único local de aquisição e transmissão de saberes.

O Caderno Temático Alunas e Alunos de EJA, da coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, na sua página 6 ressalta que os conhecimentos adquiridos ao longo da vida de jovens e adultos que buscam a EJA são relacionados às suas práticas sociais. São saberes sensíveis, originados pela ação dos sentidos e outros saberes cotidianos, baseados no senso comum, fruto da experiência e valores pessoais já formados. Saberes que devem ser valorizados na escola pelo professor(a) que pode sondar o que seu aluno(a) já sabe e planejar as situações de aprendizagem de acordo com isso.

O planejamento escolar deve considerar então, como ponto de partida do trabalho pedagógico a realidade e a bagagem histórica dos alunos, mas tomando-se o cuidado de não fragmentar ou descontextualizar o conhecimento. O cotidiano deve ser

o ponto de partida e de chegada, mas compreendido e analisado em sua perspectiva histórica.



Dica para sala de aula!

Professor(a):

- ✓ Lembre sempre aos seus alunos e alunas que todos nós somos capazes de aprender, pois não existe uma “idade certa” para adquirir conhecimentos. O “tempo perdido” na infância longe dos bancos escolares pode ser recuperado no presente, pois aprendemos o tempo todo e em qualquer idade. Assim fala o mestre Paulo Freire: "Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre." (FREIRE, 1989 - p. 31)
- ✓ Comente com seus alunos e alunas a manchete “Aluna da EJA aprende a ler aos 92 anos de idade” que encontra-se disponível no endereço eletrônico: <http://jornalcidade.uol.com.br/paginas.php?id=17604> e discutam porque nunca é tarde demais para aprender.



Para refletir!

- ✓ Como podemos valorizar e ampliar os saberes cotidianos dos alunos e alunas ao mesmo tempo em que adquirem os conhecimentos científicos?
- ✓ No seu planejamento de trabalho é levado em consideração o perfil de seus alunos e alunas? Como?



1.2 A EJA e o trabalho

O trabalho é um fator marcante na vida de alunos e alunas da EJA, seja pela falta dele (desemprego) ou na busca de uma oportunidade melhor de trabalho, através da escolarização. Para muitos, a experiência do trabalho começou precocemente em suas vidas: acompanhando os pais no trabalho, assumindo responsabilidades em casa ou realizando trabalhos informais.

É comum encontrar nas salas de EJA alunos(as) que chegam cansados após uma jornada de trabalho, além de desempregados e trabalhadores informais. Esses educandos trazem consigo uma série de conhecimentos decorrentes de sua experiência profissional, que podem ser valorizados se o professor(a) estabelecer relações com os conteúdos escolares.

São vários os motivos que impulsionam os(as) alunos(as) a voltar aos bancos escolares. Entre esses motivos destaca-se preferencialmente o trabalho.

[O que me fez procurar a EJA] “Meu trabalho. Sou afiador de serra-fitas e as máquinas são de última geração. Tenho que acompanhar o desenvolvimento da indústria”. (Aluno do EM, 31 a 40 anos)

[O que me fez procurar a EJA] “Terminar meus estudos para mais tarde conseguir um emprego e tirar a carteira de motorista”. (Aluna do EFII, 31 a 40 anos)

“Faz 8 mes[es] que estou estudando, porque hoje em dia, se quiser trabalhar e ganhar bem, temos que ter estudo”.(Aluna do EM, 21 a 30 anos)

Os principais motivos que influenciam o retorno escolar, especialmente para a EJA são:

- ✓ Para conseguir um emprego melhor.
- ✓ Por exigência do trabalho.
- ✓ Vontade de vencer na vida e dar um bom futuro aos filhos.
- ✓ Para concluir o Ensino Médio.
- ✓ Para fazer outros cursos ou curso superior.
- ✓ Porque na EJA conclui mais rápido do que na escola regular.
- ✓ Pela possibilidade de conciliar estudo e trabalho.
- ✓ Porque foram incentivados(as) por outras pessoas.

Entretanto, o trabalho também é apontado pelos alunos(as) como o principal motivo por ter ficado afastado(a) dos estudos.

“Já fazia 5 anos sem estudar, porque eu estava fora da cidade trabalhando”. (Aluno do EFII, 21 a 30 anos)

“Fiquei uns oito anos sem estudar, foi muito triste. Não tinha tempo para estudar, tinha que trabalhar.” (Aluna do EM, mais de 51 anos)

Outros possíveis motivos que dificultam o retorno escola são:

- ✓ Dificuldade em conciliar os horários de estudo e trabalho.
- ✓ Proibição por parte do companheiro.
- ✓ Preguiça, descuido, falta de interesse.
- ✓ Falta de tempo devido a outras responsabilidades.
- ✓ Outros motivos como: dificuldade de aprender, falta de escola, mudança, nascimento dos filhos...

[Estava sem estudar] “ 8 anos. Porque me casei, até então o esposo não deixava estudar, então me separei, agora posso estudar.” (Aluna do EM, 21 a 30 anos)

“Eu nunca [h]avia estudado antes.”(Aluna do EFII, 21 a 30 anos)

[Estava sem estudar] “ Há seis anos porque eu achava muito complicado.” (Aluna do EFII, 31 a 40 anos)

[Estava sem estudar] “Há 10 anos. Por vários motivos: pelo marido, filhos pequenos e falta de vontade mesmo.” (Aluna do EM, 21 a 30 anos)

Segundo as DCEs para a Educação de Jovens e Adultos, o currículo de EJA deve ter como eixos articuladores a **cultura**, o **tempo** e o **trabalho**, eixos que deverão nortear toda a ação pedagógica das escolas, devido as marcas presentes na história da EJA.

A EJA pode proporcionar oportunidades de desenvolver saberes ligados ao mundo do trabalho. Em alguns municípios brasileiros já funciona o PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos) para a qualificação profissional de trabalhadores jovens e adultos, para o exercício de diferentes ocupações e valorização social.



Dica para a sala de aula!

Professor(a):

Procure sondar quais saberes relacionados ao mundo do trabalho seus alunos(as) possuem. Você pode confeccionar uma tabela com os nomes dos alunos e alunas e os conhecimentos que cada um possui de acordo com a ocupação que exerce. Com certeza você vai encontrar muitos conteúdos de sua disciplina para fazer a ponte com a formalização do conhecimento!



Sugestão de leitura!

Conheça a Coleção Cadernos de EJA: Materiais pedagógicos para o 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental de Jovens e Adultos (MEC/SECAD). Esta coleção é composta por 27 cadernos, 13 para o(a) aluno(a), 13 para o(a) professor(a) e 1 com a concepção metodológica e pedagógica do material. Aborda o tema “trabalho” pela importância que tem no cotidiano das pessoas. Foi elaborado por professores de várias universidades brasileiras e apresentam textos e atividades didáticas criativas e interdisciplinares para apoiar o trabalho de educadores de jovens e adultos.

O projeto é uma iniciativa da Fundação Unitrabalho e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC (SECAD) através de uma parceria para produção de materiais didáticos e pedagógicos com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA.

O referido material foi distribuído pelo MEC/SECAD às escolas que ofertam a modalidade EJA e encontram-se a disposição na biblioteca da escola para que todos os(as) professores(as) e alunos(as) tenham acesso.



Sugestão de vídeo!

Que tal programar com seus alunos e alunas uma sessão de vídeo com pipoca? Assistam ao clássico “Tempos Modernos” com Charles Chaplin, que embora lançado no ano de 1936, proporciona uma discussão bem atual sobre o mundo do trabalho: a sociedade industrial, o fordismo, o trabalho alienado e o processo de “coisificação” do ser humano. Além disso, o filme rende boas gargalhadas.

Título original: Modern Times, gênero: comédia, tempo de duração: 87 min, ano de lançamento: 1936 (EUA), direção: Charles Chaplin, elenco: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman.



1.3 A EJA e a família

É possível perceber na EJA a presença de grande número de mulheres fazendo o caminho inverso do passado ao resgatar o direito à escolarização. No geral, as mulheres são a maioria, além de jovens e adultos de todas as idades, grande parte deles casados ou que já constituíram família em determinada época da vida.

Para a mulher brasileira, o direito à educação é uma conquista histórica alcançada em meados do século passado, no entanto, sua presença no sistema educacional iniciou-se a partir de 1940. Num modelo machista e tradicional de família, a educação formal era prioridade para homens públicos que necessitavam entender de leis e política. As mulheres, que só conseguiram o direito ao voto em 1932, através de decreto presidencial no governo Getúlio Vargas, não eram admitidas na política tida como “coisa para homens”. Para elas, bastava obter preparo para cuidar dos afazeres domésticos e da família, pois o casamento era a finalidade essencial de suas vidas.

“ Quando eu era criança meus pais não me incentivaram a estudar. Agora adulta quero terminar meus estudos e conseguir um trabalho bom.” (Aluna do CEEBJA, 31 – 40 anos)

[Estava sem estudar há] 18 anos porque onde eu morava antes não tinha escola para continuar.”(Aluna do EFII – 21 a 30 anos)

Além disso, outros fatores contribuíram para afastar as mulheres dos bancos escolares. Em famílias de classes populares, o principal motivo é o econômico: para os pais trabalharem, muito cedo as meninas passam a assumir tarefas domésticas, como a limpeza da casa, o cuidado com os irmãos menores ou colaborando com o orçamento ao realizar trabalhos domésticos para outra família.

[Tempo sem estudar]“1 o anos. Tinha que trabalhar para ajudar os meus pais.” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

Já na adolescência, os interesses para com as coisas próprias da idade – festas, namoro, gravidez precoce – muitas vezes atrapalha o desempenho escolar e, diante do fracasso escolar, muitas vezes evadem-se das escolas.

“Bom, o meu caso é que repeti muito na escola e vim pra cá para eu concluir na idade ideal.”(Aluna do EFII – 15 a 20 anos)

[Estava sem estudar] “Há doze anos, porque vivia mudando de endereço e depois tive filhos.” (Aluna do EFII – 21 a 30 anos)

Para as mulheres adultas, os motivos que levaram a deixar de estudar no passado, muitas delas citam o casamento e a maternidade como fatores que interferem na escolarização. A proibição do marido, as múltiplas jornadas da mulher que, além de atender dos filhos, dos afazeres domésticos, do trabalho e dos compromissos sociais, tem pouco tempo e disposição para voltar aos estudos.

“ Falta de tempo. Trabalho fora, cuidado dos filhos, casa, igreja. Então acaba que alguma coisa tenho que deixar de fora.” (Aluna do EM – 31 a 40 anos)

“Terminei meus estudos de 1ª a 4ª série em 1986. Só voltei estudar agora, não voltei antes porque o marido não deixava.” (Aluna do EFII – 31 a 40 anos)

[Estava sem estudar]Há mais de 30 anos, faltou oportunidade, optei por cuidar dos meus filhos.(Aluna do EM – 41 a 50 anos)

Para alunos e alunas de EJA os problemas relacionadas à família aparecem em primeiro lugar na lista de dificuldades em prosseguir a sua escolarização. Outros motivos são:

- ✓ Problemas familiares.
- ✓ Tempo/horário inadequado.
- ✓ Trabalho.
- ✓ Distância da escola.
- ✓ Falta de transporte escolar.
- ✓ Cursos com cargas horárias longas.
- ✓ Cansaço/preguiça.

[Dificuldades para continuar estudando] “Tenho que trazer todos os dias meu filho de quatro anos, pois não tenho com quem deixar.”(Aluna do EFII – 21 a 30 anos)

“ Os filhos, casa e trabalho são muitas preocupações para a mulher, principalmente.”(Aluna do EM – 31 a 40 anos)

“ Dificuldade que eu enfrento – eu largo minha casa e meus dois filhos.” *[para estudar]*(Aluna do EFII – 21 a 30 anos)

Jovens e adultos, mulheres ou homens que deixaram de estudar em outros momentos, ao buscar a EJA demonstram arrependimento ou mesmo vergonha, buscando agora a oportunidade de concretizar projetos de crescimento pessoal e profissional. Mas ao mesmo tempo, demonstram orgulho de sua condição de agora estudante, de alguém que está “correndo atrás do tempo perdido”.

Além do conhecimento formal e da certificação de conclusão de curso que podem abrir as portas para o trabalho, a EJA também é um local de interação social, onde donas-de- casa buscam romper com a monotonia da vida doméstica para encontrar um tempo e um espaço para si, com a ampliação de sua visão de mundo.

“[O que me fez procurar a EJA] A vontade de vencer e poder ajudar meus filhos nos estudos e principalmente, para que eles não cometam o mesmo erro que a mãe deles...” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

[Estava sem estudar] “ Há 30 anos, me casei com 15 anos, estava na 7ª série. Voltei estudar em 2003, mas por motivo de saúde tive que parar e retornei em 2007, depois do falecimento do meu esposo.” (Aluna do EM – 41 a 50 anos)

O apoio dos familiares é decisivo para a continuação dos estudos, assim como a falta dele é motivo impulsionador da evasão escolar.

“ Minha dificuldade *[para continuar estudando]* é que dependo da vontade do meu marido. É que às vezes ele não concorda que eu continue estudando.”(Aluna do EFII – 31 a 40 anos)

[Dificuldade para continuar estudando] “Ter muita carga horária, alongando o procedimento da matéria; principalmente quando minha filha dorme em sala de aula e eu não posso fazer a matéria.” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

[Dificuldade para continuar estudando] “Apoio, ou melhor, a falta dele.” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

Para as mulheres, a EJA vem cumprindo o seu papel de superar a exclusão feminina do sistema de ensino.



Para refletir!

Quantas “jornadas de trabalho” têm as mulheres, alunas de EJA?



Sugestão de leitura!

Dentre uma bibliografia variada sobre o assunto, indico a leitura de uma obra literária que destaca a fibra e ousadia de mulheres pioneiras de épocas passadas.

Título da obra: Mulheres que mudaram o mundo

Autor: Gabriel Chalita

Editora: Companhia Editora Nacional

Ano: 2007

Páginas: 294

O autor apresenta uma seleção de mulheres precursoras em várias épocas da história, abordando o que fizeram de grandioso e os problemas enfrentados até a concretização de suas conquistas. Mulheres que fizeram a história nos diferentes segmentos sociais ao lutar por aquilo que acreditavam e que hoje são exemplos inspiradores de novas conquistas.

Destaca mulheres famosas da história: Penélope, Joana D'Arc, Marie Curie, Isadora Duncan, Helen Keller e Anne Sullivan, Gabriela Mistral, Madre Teresa de Calcutá, Golda Meir e Simone de Beauvoir. Entretanto, a lista do autor não contempla a diversidade, pois não figura nenhuma mulher brasileira, negra ou de pouca relevância social.



Dica para a sala de aula!

Professor(a)!

Inspirado(a) pelas leituras indicadas acima, que tal propor a seus alunos e alunas uma pesquisa sobre a vida de mulheres anônimas, contudo importantes, da comunidade, município ou região? É um ótimo trabalho de leitura, escrita e resgate da memória.

Os textos escritos podem compor um livro da classe homenageando as mulheres. Afinal, quem é que não teve/tem uma mulher importante na sua vida?



Sugestão de sites!

Para obter informações sobre discriminação de raça e gênero envolvendo mulheres acesse os sites:

<http://www.mariamulher.org.br>

<http://www.mulheresnegras.org>



1.4 A EJA e a relação professor/aluno

Diferentemente das crianças e adolescentes que frequentam a escola mesmo sem saber precisar a real importância da mesma, os jovens e adultos que buscam a EJA fazem-na conscientemente, pela necessidade ou como projeto de vida. Sabem da importância da escolarização porque já “sentiram na pele” a falta que ela faz em sua vida. Muito mais que aprender, buscam a certificação que dará oportunidades no mundo do trabalho.

Muitas vezes chegam receosos ao ambiente escolar ao qual não estavam mais familiarizados. Muitos jovens e adultos que tiveram a experiência da escolarização em épocas anteriores ou os que estavam afastados dos bancos escolares há muito tempo, ao retornar à escola esperam encontrar o modelo de escola tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento, a escola é o lugar de transmissão do saber e o aluno, um ser passivo que recebe o conhecimento pronto e acabado.

Essa versão de escola esperada pelos alunos(as) vai se desmistificando à medida em que são levados a enxergar que o conhecimento se constrói aos poucos, pelo pensar e agir e que não existe limites para o aprender.

A diversidade de sujeitos na EJA, como já foi dito anteriormente, deve então ser vista como um fator positivo, justamente pela multiplicidade de saberes ali reunidos e a possibilidade de trocas. Para tanto, necessita da interação humana, da troca e do diálogo para que o ato de aprender aconteça de forma efetiva. O educador Paulo Freire já afirmava que “ninguém ensina ninguém, mas ninguém aprende sozinho”, pois o ato de aprender exige uma ação coletiva entre sujeitos, podendo ou não ser mediados pelo uso das tecnologias.

Muitos dos(as) alunos(as) de EJA que passaram pela experiência da escolarização quando crianças e adolescentes apresentam um histórico de repetência e fracasso escolar.

As causas para a reprovação são as mais diversas, mas todas elas, segundo os(as) alunos(as), de certa forma, isentam a escola e colocam a culpa em si ou na família pelo seu fracasso escolar.

Os motivos mais comuns que levam ao fracasso escolar:

- ✓ **Muitas faltas na escola.**
- ✓ **Mudança de endereço e de escola.**
- ✓ **Motivo de doença.**
- ✓ **Abandono dos estudos.**
- ✓ **Dificuldades para aprender.**
- ✓ **Falta de atenção e de quem ajude em casa.**
- ✓ **Desinteresse, bagunça, preguiça, relaxo e outras atitudes negativas com relação a escola.**

[Repetiu de série no ensino regular] “Sim. Não sei bem porque, acho que por não ter alguém para me ajudar com os deveres de casa.” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

[Repetiu de série no ensino regular] “Sim. Porque eu tenho problema na vista e não conseguia copiar.” (Aluna do EFII – 31 a 40 anos)

[Repetiu de série no ensino regular] “ Sim. Porque [tinha] memória ruim.” (Aluno do EFII – 31 a 40 anos)

Os alunos(as) que nunca reprovaram também atribuem a si o sucesso escolar afirmando que eram bons alunos(as) e que prestavam atenção às aulas. Da mesma forma na EJA, os alunos(as) atribuem a si o êxito ou não nos estudos, já que a decisão de retornar a escola é uma decisão pessoal motivada por interesses particulares e não

por obrigação. Os professores(as) serão apenas os facilitadores da aprendizagem. Facilitadores não no sentido de esvaziamento de conteúdos ou barateamento com o aligeiramento do ensino. Pelo contrário, serão aqueles(as) que auxiliarão os alunos(as) na busca do seu próprio conhecimento, conscientes de sua constante transformação.

[Repetiu de série no ensino regular] “Não. Porque prestava atenção nas aulas.” (Aluno do EM – 31 a 40 anos)

[Repetiu de série no ensino regular] “Não. Porque sou capaz de aprender facilmente.” (Aluno do EM – 21 a 30 anos)

Os alunos de EJA consideram necessário manter uma relação cordial com os professores(as), pois os(as) consideram importantes na sua aprendizagem. Os(As) professores(as) por sua vez, estimulam os(as) alunos(as) a continuarem estudando, para isso tentam entender e ajudar na sua trajetória escolar.

As palavras mais usadas para descrever os professores(as) são positivas: **“legais, atenciosos, ótimos/excelentes professores, compreensivos, bons amigos, capacitados para a profissão, pacientes, esforçados, competentes, ensinam bem, dedicados, nos incentivam, iguais aos da escola regular, alguns não são tão bons, somos uma família ...”**

“Eu acho todos as ou os professores maravilhosos, porque eles ou elas nos ensinam e nos incentivam a estudar, isto é muito importante para nós, isto nos dá mais ânimo para estudar.” (Aluna do EM – 41 a 50 anos)

“São todos professores e amigos dos alunos, não tem diferença alguma, somos uma família.” (Aluna do EM – mais de 51 anos)

“Especiais, aprendemos muito com elas. Recuperamos o tempo que perdemos.” (Aluna do EFII – 21 a 30 anos)

No entanto, também demonstram que a relação professor/aluno pode ainda ser melhor, se os professores(as) não deixarem a desejar quanto aos itens paciência e atenção aos alunos, ou seja, falta de afetividade.

[Os(As) professores(as)] “são muito bons, apesar de alguns professores conversarem muito.”(Aluna do EM – 31 a 40 anos)

“Alguns são bons, outros são médios, varia de professor pra professor...” (Aluno do EFII – 31 a 40 anos)

A educação de jovens e adultos para alguns alunos(as) é considerada de igual qualidade com a escola regular mas, para a grande maioria, é ainda melhor pois atende às suas expectativas e necessidades.

Para os que consideram o ensino igual à escola regular justificam contar com o mesmo conteúdo e mesmos professores(as) da escola regular. Para quem considera o ensino melhor que na escola regular, aponta diversos benefícios:

- ✓ **Devido ao horário flexível.**
- ✓ **O ritmo de estudo é de acordo com o aluno.**
- ✓ **Os professores(as) explicam bem, dão atenção, ajudam.**
- ✓ **Sentem-se bem no ambiente.**
- ✓ **Na EJA não tem preconceito de idade.**
- ✓ **A EJA dá oportunidades a todos.**
- ✓ **Tem menos alunos por turma.**

[Penso que o ensino na EJA é melhor que nas escolas de ensino regular porque] “Como os alunos são menos, acho que os professores podem dar uma atenção melhor.” (Aluna do EM – 31 a 40 anos)

[É melhor] “Por causa do horário flexível: você pode sair tarde do serviço e ainda vir um um pouco para a escola.” (Aluna do EM – mais de 51 anos)

[É igual] “ Porém com algumas dificuldades a serem vencidas e obstáculos a serem superados.” (Aluna do EM – 21 a 30 anos)

“Olha professora não [é] pior nem igual, mas é bom estudar aqui. Quem quer aprender, assim como eu.” (Aluna do EFII – 15 a 20 anos)

De acordo com as DCEs, a escola deve ser um lugar onde as capacidades de ler, pensar e interpretar o mundo são desenvolvidas nos alunos e alunas por meio da ação reflexiva. Para tanto, o papel da escola deve ser o de mediação entre os(as) alunos(as) e os saberes, para que estes conhecimentos sejam instrumentos de transformação de sua realidade social. Por isso, o papel do professor(a) nesse processo é de suma importância.

A idade e a vivência social dos educandos não devem ser ignoradas, tampouco deve-se propor uma organização curricular de conteúdos que separe a pessoa com conhecimentos de vida daquela que vai receber os conteúdos escolares. Sendo assim, a proposta curricular na EJA deve ser diferente daquela realizada com crianças em escolas regulares, pois necessita estar adequada à especificidade desses alunos.

De acordo com a autora Inês Barbosa de Oliveira, a utilização na EJA de uma proposta curricular de ensino para crianças, resulta em uma situação de desrespeito às pessoas que trazem uma vasta bagagem de conhecimentos, ao serem tratadas de maneira infantilizada, como se fossem “crianças grandes”. Ao utilizar linguagem infantilizada à alunos e alunas o(a) professora(a) pode contribuir negativamente ao realimentar a baixa auto-estima tratando-os artificialmente com o uso de diminutivos.



Para refletir!

- ✓ Qual deve ser a função primordial da EJA: certificar ou ensinar?
- ✓ Como fazer para que os conhecimentos sejam significativos, tenham qualidade e permitam maior autonomia do(a) aluno(a) para serem sujeitos da própria história?



Dica para sala de aula!

Como motivar o(a) aluno(a) de EJA a aprender:

- ✓ Estimule a reflexão.
- ✓ Desafie a encontrar as respostas.
- ✓ Amplie o horizonte de informações, aumentando sua cultura.
- ✓ Incentive a troca de experiência entre eles(elas).
- ✓ Diversifique a posição das carteiras da sala para incentivar a interação.
- ✓ Elogie seu progresso, mas o faça com sinceridade .
- ✓ Incentive sempre, elevando sua auto-estima.
- ✓ Evite a memorização inútil.
- ✓ Privilegie os conteúdos de interesse e necessidade do aluno(a).
- ✓ Crie vínculos afetivo com eles(elas), demonstrando paciência e empatia.
- ✓ Professor(a): cuide de suas emoções, elas afetam a motivação e o desempenho de seus alunos!



2 OS DOCENTES DA EJA

No modelo tradicional de escola (a) professor(a) ensina e o(a) aluno(a) aprende. Em tempos atuais esse modelo vem sendo superado, pois sabe-se que o(a) professor(a) não só ensina, mas também aprende na interação com seus alunos. Assim, o modo como os(as) alunos(as) aprendem, leva também o(a) professor(a) a refletir e fazer novas descobertas, portanto, o(a) aluno(a) também ensina.

Os(As) professores(as) que atuam na EJA necessitam ter, segundo as DCEs, uma formação inicial que lhe permita compreender os anseios e necessidades dos(as) alunos(as), respeitando a pluralidade cultural, as identidades e questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem. Devem estar pautados no princípio da educação que valoriza a diversidade e reconhece as diferenças para propor atividades e avaliações flexíveis, que contemplem as necessidades de todos os(as) alunos(as). Para tanto, devem buscar permanentemente o conhecimento de modo a articular os saberes dos alunos aos saberes universais, para oferecer aos educandos conhecimentos que lhes permitirão uma participação mais consciente e crítica na realidade.

Em sala de aula, o(a) professor(a) deve atuar como um facilitador(a) da aprendizagem. Para isso, deve criar condições de interação pessoal com os educandos, transformando sua sala de aula em um ambiente favorável para receber os(as) alunos(as), proporcionando-lhes material de pesquisa, instigando a curiosidade que é inerente ao ser humano para promover a aprendizagem significativa. Enfim, ensinar o(a) aluno(a) a buscar o seu próprio conhecimento, para tornar-se independente e produtor de sua própria aprendizagem.

Álvaro Vieira Pinto em seu livro: Sete lições sobre a educação de adultos ressalta que o(a) aluno(a) deve ser visto como um ser pensante, dotado de experiências referentes ao seu círculo de existência e membro atuante da sociedade. É falsa e

ingênua a visão de que o adulto iletrado é “atrasado”, pois seu desenvolvimento não parou pelo fato de ter pouco saber formal.

No entanto, a formação inicial do professor(a) não privilegia a modalidade EJA. Apenas recentemente, os Cursos de Pedagogia vêm oferecendo em sua grade curricular disciplinas que contemplem a temática ensino-aprendizagem de alunos jovens e adultos. Desta forma, conclui-se que o(a) educador(a) da EJA adquire seus saberes na prática cotidiana e na formação continuada, pois dificilmente na formação inicial teve oportunidades de aprender e refletir sobre os processos de desenvolvimento do aluno jovem ou adulto.

A qualidade da EJA é reflexo da formação continuada dos (as) educadores(as), pois através da reflexão constante de suas ações, da discussão e conhecimento de novos métodos, é possível uma participação mais ativa no universo da profissão com reflexos na sala de aula.

Na visão de seus professores(as) o ensino na EJA não é inferior às escolares regulares, pelo contrário, é tão bom quanto. O local de trabalho colabora para sentirem-se felizes e realizados(as) ao fazer parte deste ambiente escolar. Acreditam que o trabalho faz a diferença na vida dos alunos(as), por isso sentem-se satisfeitos(as) com o resultado, embora alguns considerem ser mais difícil trabalhar com a EJA devido as dificuldades próprias dessa modalidade.

Há uma grande variação no tempo de experiência dos(das) professores(as) de EJA. A rotatividade dos docentes se deve ao fato de poucos conseguirem a fixação da lotação de seu padrão de trabalho em estabelecimentos que ofertam esta modalidade de ensino.

Quanto a relação professor/aluno, na visão dos professores(as) vai muito bem. Os(As) alunos(as) são considerados batalhadores, vencedores por optarem em reingressar à escola e com capacidade para aprender. Para os(as) professores(as) os(as) alunos(as) não demonstram vergonha da escola, pelo contrário, sentem-se satisfeitos e orgulhosos com a decisão de voltar estudar.

As principais diferenças entre a EJA e a escola regular apontadas pelos professores(as) são relacionadas aos alunos(as), com pontos positivos para a EJA, porque os alunos:

- ✓ São mais interessados(as), dedicados, com vontade de aprender.
- ✓ São mais responsáveis.
- ✓ Aproveitam mais o tempo na escola pela necessidade do estudo.
- ✓ Aprendizagem é mais rápida pela condição de adultos.
- ✓ Mas também tem problemas de aprendizagem por ter ficado muito tempo sem estudar.

“Aqui(EJA), se os alunos encontram dificuldades, eles procuram o professor, e procuram saber o porquê das dificuldades. Eles correm atrás do conhecimento e conseguem vencer suas barreiras. No regular, se eles não sabem, se acomodam e esperam que o professor resolva suas dificuldades.”(P – 2)

“A aprendizagem ocorre tanto no regular quanto na EJA, mas os alunos da EJA são mais interessados pois sabem da falta que o estudo faz na hora de procurar um emprego.”(P - 8)

Os(As) professores(as) também preocupam-se com a rotatividade de alunos(as) na EJA e justificam que os fatores que influenciam a evasão e o retorno dos(as) alunos(as) devem-se principalmente ao trabalho e outros motivos como: **cansaço pelo esforço físico do trabalho, falta de interesse/incentivo, dificuldade de conciliar horários, problemas familiares, baixa auto-estima, vergonha, dificuldades de aprendizagem, doenças, carga horária longa e desemprego.**

Embora a EJA seja considerada uma escola de boa qualidade como as demais, necessária e importante para os jovens e adultos que correm atrás do tempo perdido sem a educação formal, as opiniões dos professores(as) divergem quanto ao fato seus filhos estudar na EJA. Alguns concordam sem objeções enquanto outros aceitariam, mas com ressalvas.

[Caso o filho(a) resolvesse estudar na EJA] “Eu o apoiaria e ajudaria em tudo que ela precisasse. Aqui não há diferença de ensino em relação a outros lugares.” (P – 2)

[Atitude do filho(a) estudar na EJA] “ Seria aceita, caso fosse cabível. Mas, gostaria que meu filho se escolarizasse na escola comum em idade normal.”(P – 1)

“É uma escola como outras, não vejo problema algum, mas o aluno deve se dedicar mais, procurando aprender algo mais.” (P – 5)

Tal fato revela um certo preconceito por parte dos(as) professores(as) que vêm na EJA uma escola de “segunda oportunidade”, por isso “menos aceitável”. Serve para “os filhos dos outros”, mas não serve para os seus, ou melhor serviria caso estivessem na condição do “outro”, em idade ou sem grandes ambições – alunos(as) que buscam certificação para o trabalho e não para cursar uma faculdade. Revela-se assim, certo preconceito com relação à posição social e profissional do aluno de EJA.

No entanto, a EJA atende as necessidades dos(as) alunos(as) que a procuram, abrangendo muito mais do que conhecimento, mas a própria formação pessoal dos sujeitos. Para isso, segundo o autor Álvaro Vieira Pinto, é imprescindível que a competência do(a) educador(a) se traduza no uso de um método crítico de educação de adultos para que todos(as) tenham a oportunidade de alcançar sua consciência crítica através de conteúdos e atividades significativas, contemplando o que o educando adulto precisa saber para sua inserção no mundo letrado.



Sugestão de leitura!

Quer saber quais práticas são essenciais ao profissional que trabalha com EJA? Leia o artigo de Sônia Couto, coordenadora do Instituto Paulo Freire, publicado na Revista NOVA ESCOLA, Edição nº168, de dezembro de 2003, da Editora Abril e saiba mais sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e a necessidade da formação docente.



Dica para a sala de aula!

Professor(a)!

Torne a sua aula um espaço vivo de encontro entre alunos(as), professor(a) e conhecimento, onde os laços de amizade, cooperação e confiança são construídos ao mesmo tempo do processo de ensinar e aprender! Para tanto, diversifique suas aulas: use de recursos variados, faça atividades em grupo, estimule a troca e a interação. O silêncio na sala de aula não é, por si só, garantia de aprendizado!



PARTE 2



1 A AUTO-ESTIMA

A baixa auto-estima é freqüentemente associada ao aluno da EJA devido a situações de fracasso escolar, como exclusão e repetência, que afetaram negativamente a sua vivência escolar.

Auto-estima refere-se basicamente a uma percepção e um juízo de valor que cada pessoa tem sobre si. De acordo com o psicólogo Carl Rogers, decorre da influência que o indivíduo sofre das pessoas com quem convive desde o início da vida e no decorrer do seu desenvolvimento, levando-o a adquirir atitudes, valores e percepções destes.

A escola é um ambiente propício para a formação da auto-estima, baixa ou elevada, dependendo das relações aí estabelecidas. O desempenho escolar está diretamente ligado à auto-estima, sendo que o fracasso escolar é agravado pelo sentimento de inferioridade que se estabelece em quem passou por essa experiência.

O fracasso escolar leva à desvalorização pessoal do(a) aluno(a), que se percebe como um sujeito incapaz e inferior aos colegas. Ocorre então um círculo vicioso: o fracasso leva a baixa auto-estima, que contribui para um novo fracasso e assim por diante. Necessário se faz quebrar esse círculo.

O(A) professor(a) , por meio de suas atitudes que demonstrem a afetividade, deve empenhar-se para que o desempenho dos(as) alunos(as) seja satisfatório, promovendo a superação de suas dificuldades e, conseqüentemente, a elevação da auto-estima dos mesmos. Alunos(as) de EJA que já passaram por experiências anteriores de escolarização trazem consigo lembranças muitas vezes negativas, de autoritarismo, medo e até agressões físicas e psicológicas. E como adultos, muitos deles já puderam sentir a discriminação pelo estigma social de “ignorantes” e

“fracassados” pela condição de analfabetos ou quase. Fatos que não contribuem para manter a auto-estima positiva.

Para que alunos(as) de EJA tenham uma melhora em sua auto-estima é necessário um ambiente escolar favorável, sem discriminações, atitudes preconceituosas, juízos de pouco valor... Se ao retornar sua trajetória escolar interrompida precocemente, os(as) alunos(as) de EJA forem recebidos por um(a) professor(a) pouco afetivo e se o ambiente escolar refletir uma atmosfera de medo, insegurança e discriminação, certamente estará se proporcionando um novo fracasso escolar. A baixa auto-estima e o sentimento de fracasso não leva os(as) alunos(as) a uma atitude positiva em relação a escola, assumindo assim uma relação de inferioridade.

Por isso, investir na relação professor/aluno faz-se uma necessidade. Além de promover a melhora na auto-estima dos(as) alunos(as), a expectativa positiva e a afetividade do(a) professor(a) podem ser os fatores que contribuirão para uma educação mais humanizadora que resultarão em uma sociedade melhor.



Dica para a sala de aula!

Professor(a):

Quer desenvolver positivamente a auto-estima de seus alunos(as)? Propicie em suas aulas momentos de cooperação, para isso pode-se usar os jogos cooperativos adequados à sua disciplina.

Segundo Fábio Brotto, professor e autor de livros sobre o assunto, os jogos cooperativos são um contraponto ao espírito competitivo da atual sociedade que leva o indivíduo a uma busca desenfreada por ser o melhor e vencer sempre. Os jogos cooperativos, ao contrário, não estimulam a competição e há um favorecimento à

promoção da auto-estima e o reforço a atitudes positivas como a solidariedade, a confiança e o respeito mútuo. Também trabalha a diversidade e o compartilhamento de sentimentos, a aceitação mútua, a participação coletiva e o desenvolvimento da auto-confiança.



Quer saber mais?

Leia os livros de Fábio Otuzi Brotto:

BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência. São Paulo: Projeto Cooperação, 2001.

BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos, SP: Projeto Cooperação, 1999.

Consulte também os sites:

<http://www.jogoscooperativos.com.br/jogos.htm>

<http://www.youtube.com/watch?v=lb3m5sncSok>



2 A AFETIVIDADE

O tema afetividade tem uma dimensão pouco destacada na formação e nas práticas pedagógicas, apresentando-se mais como um tema transversal no universo escolar.

A necessidade de se incluir a afetividade nas discussões educacionais se deve ao fato de que a educação é um processo em que todos os indivíduos se afetam e são afetados como sujeitos sociais. As pessoas estabelecem relações umas com as outras através de vínculos afetivos que vão construindo sua forma “de ser e estar no mundo.”

O afeto é um vínculo essencialmente humano, constituído nas relações interpessoais e que está presente em todas as relações humanas, embora nem sempre estejam explícitos ou manifestados adequadamente. Em todos os espaços sociais os afetos se fazem presentes: alegria, amor, inveja, frustração, felicidade, raiva, ... e são experimentados a todo instante no decorrer da vida, pois onde existem relações entre pessoas, existe afetividade.

Na relação professor/aluno a afetividade tem um papel fundamental, pois o estabelecimento de vínculos afetivos afeta o convívio diário e serve como elemento facilitador da aprendizagem. A confiança que se estabelece em sala de aula proporciona o fluir da criatividade, o desembaraço em atividades de expressão e um clima agradável, favorável ao aprendizado. Tais laços de afetividade não se estabelecem repentinamente ou de maneira forçada e imposta, mas são construídos gradativamente, de maneira espontânea, como resultado de momentos de interação e respeito pela individualidade de cada um.

Além da relação professor/aluno em sala de aula, a afetividade deve estar presente em todos os momentos ou etapas do desenvolvimento de um trabalho

pedagógico. As decisões que o(a) professor(a) toma em relação aos objetivos propostos para sua disciplina, a organização dos conteúdos, os procedimentos e técnicas de ensino e formas de avaliação têm dimensões afetivas que afetam diretamente os alunos e alunas.

Na escola, muitas vezes o afeto, o saber ouvir, a empatia, o aprender com o(a) aluno(a) tem mais importância que certas formalidades estabelecidas nas práticas escolares.

Afinal, o que vem a ser a afetividade? O que é o afeto?

Segundo o Dicionário eletrônico Michaelis, afeto e afetividade são assim definidos:

Afeto - a.fe.to

sm (lat affectu) 1 Sentimento de afeição ou inclinação para alguém. 2 Amizade, paixão, simpatia. adj 1 Afeiçoado. 2 Entregue ao estudo, ao exame ou à decisão de alguém: Essa função está afeta à Assembléia.

Afetividade - a.fe.ti.vi.da.de

sf (afetivo+i+dade) 1 Faculdade afetiva; qualidade de quem é afetivo. 2 Capacidade de exprimir-se na linguagem a emoção que nos despertam as idéias enunciadas, bem como a de despertar nos outros idêntica emoção. 3 Psicol Suscetibilidade a quaisquer estímulos ou disposição para receber experiências afetivas; o estudo dessas experiências.

Para o psicólogo Henri Wallon que, embora não sendo pedagogo, preocupava-se com as questões educacionais, os afetos são todas as formas de emoção, sentimentos, paixões, estados de humor... que afetam as pessoas no convívio social.

A afetividade refere-se à capacidade do ser humano ser afetado por sensações, agradáveis ou não, provenientes do mundo interno ou externo e reagir a elas.

As emoções são manifestações da vida afetiva, assim como os sentimentos e os desejos. A emoção é um fato fisiológico e um comportamento social na adaptação do ser humano ao meio. Antes mesmo de utilizar a linguagem, o recém-nascido se utiliza

da emoção para estabelecer uma relação com o meio humano. Gradativamente, os movimentos de expressão vão evoluindo para formas afetivas mais complexas: o sentimento e as atividades intelectuais.

O que caracterizam as emoções são as alterações orgânicas que podem ser percebidas nas pessoas, como: mudança na respiração, aceleração dos batimentos cardíacos, sudorese, alteração das expressões faciais, da postura, gestos, entre outros.

A imitação e o acolhimento são processos importantes de aprendizagem em qualquer idade, sendo a emoção contagiante (positiva ou negativamente) que interfere na dinâmica da classe.

A forma como o(a) professor(a) se relaciona com o(a) aluno(a) reflete nas relações deste com o conhecimento e nas relações aluno-aluno, pois mesmo que não queira o(a) professor(a) passa a ser um modelo seguido pelos(as) alunos(as). Decorre daí a necessidade da capacitação continuada de professores(as) de EJA para que possam compreender os anseios e necessidades desses(as) alunos(as) para propor metodologias adequadas a esta modalidade de ensino.

Paulo Freire, renomado educador brasileiro, aborda a educação como algo que vai além dos métodos, currículos, metodologias... Ele destaca as dimensões e relações essencialmente humanas que estão implicadas na educação e nos processos educacionais. Diferentemente do modelo de escola tradicional, Paulo Freire afirma que a relação professor/ aluno deve estar em um mesmo patamar, numa relação de diálogo, onde ambos aprendem e crescem um com o outro. O pensar do educador não deve inibir o pensar do educando e a afetividade vai permitir o fortalecimento do processo dialógico e desfazer a relação de dominação de saberes. “ Não há educação sem amor.[...] Não há educação do medo.” (FREIRE, 1981- p.29)

No entanto, é importante salientar que a afetividade não se refere apenas a contato físico, tampouco significa “infantilizar” adultos com uma linguagem artificial de diminutivos. A comunicação afetiva se faz de diversas formas, como por exemplo ao demonstrar-se atenção às dificuldades dos(as) alunos(as), ao respeito diferenças

individuais e limitações de cada ser, ao adequar-se as atividades às reais possibilidades mesmos, fornecendo meios para que construam sua própria aprendizagem ... Boas relações afetivas se manifestam por meio do diálogo, da troca, do exercício da paciência, compreensão, tolerância e cooperação entre os componentes de um grupo.

Assim, o papel do(a) professor(a) de EJA é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. Para tanto, é necessário reduzir o sentimento de insegurança dos(as) alunos(as) através do reconhecimento dos saberes informais que estes trazem. A valorização da bagagem cultural contribui para o resgate de uma auto-imagem positiva e auto-confiança. E isso é demonstrar afetividade no ambiente escolar!

 **Sugestão de leitura!**

Quer saber mais sobre afetividade e as idéias do psicólogo Henri Wallon?

ALMEIDA, L. R. De. Wallon e a Educação. In: *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. São Paulo: Loyola, 2000.

GALVÃO, I. *Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GALVÃO, Izabel. *Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon*. Série Idéias n. 20, São Paulo: FDE, 1994. p. 33-39.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. *Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon* in: *Psicologia da Educação*. São Paulo, 1º sem. de 2005. p. 11-30.



Sugestão de vídeo!

Quer ver como a afetividade afeta as relações professor/aluno?

Título: Escritores da Liberdade (Freedom Writers)

Gênero: drama

Tempo de duração: 123 min

Ano de lançamento: 2007 (EUA/Alemanha)

Direção: Richard LaGravenese

Elenco: Hillary Swank, Patrick Dempsey

Filme comovente, baseado em fatos reais, que traz em sua essência o respeito e a valorização da educação e uma forte mensagem de esperança e crença nos valores humanos.

A história se passa por volta de 1992 em Los Angeles, cidade que vive um verdadeiro clima de guerra entre gangues devido às diferenças raciais. Envolve adolescentes problemáticos e uma professora idealista que luta contra a indiferença de alunos que não se toleram mutuamente e sentem-se “estranhos” à escola num sistema de ensino deficiente.

Com perseverança e criatividade a professora consegue superar os obstáculos para resgatar o respeito e auto-confiança dos alunos.

Este filme leva-nos a pensar que ser professor(a) nos dias atuais, apesar das dificuldades ainda vale a pena, quando a escola fala a língua dos alunos e faz a diferença na vida deles.



3 REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, V. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna.** São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000.** Diretrizes curriculares para a educação de jovens e adultos. Brasília:MEC, maio 2000

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento base do PROEJA.** MOLL, J. (org.) Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção: Trabalhando com a educação de jovens e adultos.** Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade(SECAD), Brasília, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LOMBARDI, R. (Red.) **Almanaque Abril 2008.** São Paulo:Abril, 2007, 34 ed.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon in: **Psicologia da Educação.** São Paulo, 1º sem. de 2005. p. 11-30. Disponível em http://pepsic.bvs_psi.org.br. Acesso em: 12/05/08.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação de jovens e adultos no estado do Paraná.** Versão Preliminar. Curitiba: SEED – PR, jan. de 2005.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre a educação de adultos.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2003, 13 ed.

OLIVEIRA, I. B. Pensando o currículo na educação de jovens e adultos. In: **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RAFAEL, M. G. F. **A relação de ajuda e a acção social - uma abordagem rogeriana**: estudo sobre a auto-estima e as estratégias de coping realizado com estudantes da Universidade de Algarve. Dissertação de pós-graduação apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa,[2000]. Disponível em <http://www.rogeriana.com/graca/rasocial.htm> . Acesso em 29/05/08.

Sites consultados:

<http://www.geocities.com/eduriedades/carlrogers.html>

<http://www.centrorefeducacional.com.br/carl.html>

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=afetividade>

<http://jornalcidade.uol.com.br/paginas.php?id=17604>